

# Introdução

TUDO COMEÇOU COM A CLÍNICA, ESSA GRANDE EDUCADORA, EM 2015, a partir da discussão sobre um transexual em análise e a seguinte declaração: “Passei a vida travestido de homem ou travestido de mulher”. Outro analisante havia sido expulso de um grupo trans na internet por não ser suficientemente feminino. Ao revelar sua angústia, revelou-nos também como a sexuação não pode ser “resolvida”, dado que a relação sexual é impossível, com identitarismos tanto velhos quanto novos. Montou-se um cartel sobre o tema, sucedido por um seminário intitulado *Aspectos do mal-estar na contemporaneidade*, interrompido em 2022. A cada ano, dedicamo-nos a um aspecto distinto do mal-estar, desenvolvendo um trabalho sob dupla coordenação, minha e de Olga Soubbotnik. O seminário contou com as contribuições dos participantes e, algumas vezes, a colaboração de convidados. Como os fios de uma trança, ora entrecruzando-se, ora separando-se, cada uma das coordenadoras seguiu um percurso próprio em suas leituras do que constitui o cerne dos textos de Sigmund Freud e Jacques Lacan a esse respeito.

O formato ensaio é bem adequado a tal proposta: tentativa de escrever, argumentar, marcada por imprecisão, indefinição. Etimologicamente, ensaio provém do latim *exagium*, que se refere à ação de pesar, medir, ponderar, bem como, tardiamente, ao substantivo balança (Saraiva, 1889). O ensaio seria então um instrumento para avaliar, sopesar, examinar algo, mas também, além do exame, “[...] o enxame verbal liberado pela escrita” (Garcia, 2018: 65).

Em “O ensaio como forma”, Theodor Adorno, filósofo atravessado pela psicanálise e atropelado pelo nazismo, esclarece-me por que o ensaio cai tão bem à psicanalista que sou: “seus esforços ainda espelham a disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com

o que os outros já fizeram” e, ainda, “Felicidade e jogo lhe são essenciais” (Adorno, 1958 | 2003: 16–7). Para Adorno, o ensaio procura não o eterno no transitório, e sim eternizar o transitório. Ensaísticos também, a fala, o relato, a associação livre e a escrita tentam, experimentam dizer do que só deixou traço.

Lacan move a questão do estilo para longe do literário e para mais perto do sujeito. Em 1966, lança *Escritos* e, em sua apresentação, dá uma reviravolta no dito de Buffon “O estilo é o próprio homem” (Buffon, 1872: 24), mostrando a que vinha. Buffon atribuía o estilo ao autor, senhor do escrito. Lacan, já em sua intervenção inicial, desloca o foco para o interlocutor – o estilo é o homem a quem nos dirigimos<sup>1</sup> – e destrona o autor. Mais uma volta, e o estilo é o objeto,<sup>2</sup> não um objeto do mundo, mas o objeto *a*, que não está à frente do autor; está atrás, na causa de seu desejo.

Alguns anos antes dessa reviravolta, Barthes escreveu que o estilo “é a ‘coisa’ do escritor, seu esplendor e sua prisão, ele é a sua solidão” (Barthes, 1953 | 1993: 146). Essa “coisa” evoca a coisa freudiana, destacada por Lacan como *das Ding*, alguma coisa estranha, que não é simbolizável, “em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito” (Lacan, 1959–60 | 2008: 67). Assim, dizer do estilo é dizer do que o autor nada sabe, mas está no que o causa. Sinto-me agradecida a Lacan por esta “permissão” para escrever.

NO CÔMPUTO GERAL DESTA COLETÂNEA, HÁ UM TRAÇO QUE MERECE ser destacado, o esforço – “a dor e a delícia”, diria Caetano Veloso – de exercer uma prática interdisciplinar, não na clínica, porém no lugar da escrita, da pesquisa e da troca com outros campos do saber. Talvez a interdisciplinaridade esteja na tarefa que Lacan nos legou: presentificar a psicanálise no mundo.

Referi-me a um esforço porque a clínica no seu um a um – no dizer de Freud, “nosso trabalho míope, tacanho e insignificante” (Freud, 1926 | 1987: 117) – pode ser muito absorvente. Não bastasse essa absorção pela clínica,

1 “O estilo é o homem; vamos aderir a essa fórmula, somente ao estendê-la: o homem a quem nos endereçamos?” (Lacan, 1966a | 1998: 9)

2 “É o objeto que responde à pergunta sobre o estilo que formulamos logo de saída.” (Lacan, 1966a | 1998: 11)

a institucionalização da psicanálise favorece certo solipsismo. Mas Freud sempre foi exemplar; seu interesse por múltiplas disciplinas forneceu à psicanálise um chão interdisciplinar desde os seus primórdios. Biologia, filosofia, história... Lacan seguiu a trilha, articulando seu ensino a outros campos – linguística, lógica e matemática – e alcançando novos leitores.

Além do esforço, portanto, há a delícia de entrever a subjetividade por outros vieses, ao longo do tempo, por meio da política, dos costumes e dos estilos literários. Freud não deixou de tocar nessa questão de maneira poética e, ao mesmo tempo, com precisão cirúrgica. Na segunda nota preambular de *Moisés e o monoteísmo: três ensaios*, fala de sua entrada no sisudo campo da historiografia: “A meu senso crítico, este livro, que tem sua origem no homem Moisés, assemelha-se a uma dançarina a equilibrar-se na ponta de um dedo do pé” (Freud, 1939 | 1987: 75). Nessa direção, a decisão pelo título deste volume em sua ressonância pejorativa, o defeito, fala do desconforto da razão com a incompletude revelada por ele: o eu não é senhor em sua casa. Há um que falta, mas comanda, denuncia e descompleta todas as tentativas de explicar a máquina do mundo.

Os ensaios se agrupam aqui em quatro amplas seções. A primeira delas, *Sexuação, gênero e identificações*, é encabeçada por “Leitura de um mal-estar na contemporaneidade: sexo, gênero e sexuação”, bastante exemplar da estratégia com que abordo tais questões. O silêncio com que a história de Herculine Barbin, resgatada por Michel Foucault, foi recebida e reabilitada 34 anos depois por Éric Fassin revela um avanço sobre as questões identitárias ou de “gênero”. Embora Herculine tenha vivido em meados do século XIX, seu drama repercute até hoje, num momento histórico em que a diversidade sexual pôde vir à tona, revolucionando os costumes. Os outros dois ensaios dessa seção inicial enfrentam e tentam trazer as contribuições de Lacan para o debate sobre a sexualidade no século XXI, em particular com as fórmulas da sexuação, questão lógica e não anatômica, e a possibilidade de sustentação subjetiva, para além do falo, como “mulher”.

*Inconsciente e política*, a segunda seção, dá notícias da disseminação da obra de Lacan no campo da filosofia e das ciências política e social, além de, com ele e com Freud, levantar a questão da responsabilidade social da psicanálise, na esteira da provocação “o inconsciente é a política”. Comporta quatro ensaios, entre os quais “*Rexistência*: a insistência do que ex-siste”, uma articulação entre história, ficção e fantasma causada pelo encontro com a gravura *Angelus Novus*, de Paul Klee, em que trabalho com três autores “à margem”: Jacques Derrida, Walter Benjamin e Michel de Certeau.

Já no ensaio “Mal de arquivo na contemporaneidade”, cometo meu pequeno arrombamento de arquivo: uma *fan fiction* sobre *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, intitulada *O fantasma do Uruçuia*.

A terceira seção se intitula *História e histéria*. Histéria é a minha tradução do neologismo lacaniano *hystoire*, para referir-se à historização-histerização que ocorre numa análise. Abordo então questões históricas e históricas, no intuito de mostrar o alcance do viés psicanalítico na leitura da História. Os seus capítulos tratam do suicídio de Getúlio Vargas e suas consequências para a psique nacional, nossa eterna infância, por meio de um sonho relatado em análise; da polêmica cooperação entre Freud e William Christian Bullitt, que gerou uma análise do presidente Thomas Woodrow Wilson e sua influência na deflagração da Segunda Guerra Mundial, cuja recente publicação de uma parte do manuscrito até então inédita revela o embate de forças entre Freud refugiado, já gravemente doente, e Bullitt preocupado com sua imagem e de olho em postos políticos; da ebulição social-democrata nos anos 1920 na Viena de Freud; e dos lugares de psicanalista e de militante, à luz da emancipação e da libertação do ser humano.

Intitulei a quarta seção *Escritas e aventuras subjetivas*. Busco, seguindo o exemplo de Freud, entrar, equilibrada na ponta do pé, no campo da antropologia, com uma análise da trajetória subjetiva de Davi Kopenawa, xamã yanomami que assina com o antropólogo Bruce Albert o livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. A poderosa transferência de trabalho com Albert foi o canal que possibilitou a Kopenawa articular sua monumental intuição: o mundo está sendo destruído pelo homem branco. É urgente ouvi-lo. Outros dois ensaios abordam as aventuras subjetivas de vida/morte nas vozes sobressaltadas de Ana Cristina Cesar, em sua queda vertiginosa, e de Clarice Lispector, sempre às voltas com o real. Por sua vez, o texto “Uma volta ao ideograma” embarca na busca lacaniana de um discurso que escapasse ao destino do significante, eterna deriva, e permitisse uma transmissão integral. Ao pensar a letra como litoral entre saber e gozo, *litureterra*, Lacan explorou a caligrafia chinesa como exemplo de uma escrita cujo efeito permanece ligado a ela. O que foi chamado poesia concreta me parece exemplar do que seria *litureterra*, razão pela qual *O pulsar*, de Augusto de Campos, fecha o ensaio. Concluindo a seção e o livro, em “Desejo de leitura e desejo de escrita”, diferencio esses dois desejos, a partir de versões de um fragmento de *Os lusíadas*, de Camões, marcando as posições do analisante e do analista por meio das atitudes de Vasco da Gama, de Carlos Drummond de Andrade e de Haroldo de Campos em face da máquina do mundo.

Este livro, assim, reúne a textos anteriormente publicados parte dos trabalhos escritos para o seminário *Aspectos do mal-estar na contemporaneidade* e compõe um panorama da diversidade dos temas debatidos. Agradeço à psicanalista Olga Soubbotnik pela sustentação conjunta do seminário e à psicanalista Bruna Soalheiro por sua participação na preparação e no estabelecimentos dos textos, bem como pela cuidadosa revisão e a pesquisa bibliográfica que o tornaram melhor. *Last but not least*, agradeço a todos os participantes do seminário, cuja atenção em muito o enriqueceu.